

**SAINT-EXUPÉRY E TRISTAN DERÈME:  
A ORIGEM DO PEQUENO PRÍNCIPE**

*Escrito por Denis Boissier*

*Traduzido por Julia da Rosa Simões*

**RESUMO**

Em 1942, um editor norte-americano encomendou um conto a Saint-Exupéry, que vivia em Nova York e passava por uma grave crise moral. Um amplo conjunto de hipóteses permite dizer que Saint-Exupéry, para escrever *O Pequeno Príncipe* (1942), utilizou uma obra hoje esquecida: *Patachou, petit garçon* (1929), de Tristan Derème, morto em 1941. As palavras-chave do Pequeno Príncipe (estrelas, carneiro, caixa, focinheira, rosa, raposa, deserto, poço...) são as palavras mais utilizadas por Derème, e uma parte não negligenciável do imaginário de *O Pequeno Príncipe* tem origem em *Patachou*.

NOTA: a primeira versão deste estudo foi publicada na *Revue d'Histoire Littéraire de la France* (*Revista de História Literária da França*), jul.-ago. 1997, n. 4. Em *Saint-Exupéry, Œuvres complètes*, tomo II, coleção La Pléiade, Michel Autrand escreve: “Denis Boissier, aliás, esclareceu o número e a importância dos elementos de *Patachou, petit garçon* (1929), de Tristan Derème, que ele encontrou em *O Pequeno Príncipe*. Ver no texto de Derème a origem do de Saint-Exupéry não se baseia em nenhuma prova conclusiva, mas a coincidência entre os dois universos tem algo de perturbador e, seja como for, é rica em informações sobre a sensibilidade dos anos 1930” (p. 1342, em nota).

*NOTA DA TRADUÇÃO BRASILEIRA: Os trechos dos contos, bem como as páginas indicadas no artigo referem-se à primeira edição de Patachou, petit garçon, que contém 49 contos e não possui ilustrações.*

Primeira versão: agosto de 1997

Segunda versão: maio de 2009

“E eu gostaria que toda justiça fosse feita”.

Saint-Exupéry, *Cidadela*, CXVI.

## I. INTRODUÇÃO

Em que obra encantadora<sup>1</sup> os heróis são um impressionante garotinho e um homem decepcionado por ser apenas uma “pessoa mais velha”, onde se fala muito de estrelas, de elefantes, de uma rosa, de um caçador de chapéu pontudo, de um poço que surge de repente, de uma jiboia-constritora, de um baobá, de uma ovelha, de uma focinheira, de uma caixa que guarda o essencial...?

Por muito tempo, respondi a esta pergunta o mesmo que todos. Hoje, minha resposta é mais cheia de nuances, pois fiz uma descoberta: Saint-Exupéry utilizou, para escrever *O Pequeno Príncipe* (1942), uma obra hoje esquecida: *Patachou, petit garçon*. Seu autor é Tristan Derème; seu ano de publicação, 1929, pela editora Émile-Paul Frères.

Nascido em 1889, morto em 1941, Tristan Derème, poeta e romancista, nunca alcançou o grande público, nem chamou a atenção da crítica, que o classificou entre os poetas fantasistas. *Patachou, petit garçon* foi seu maior sucesso<sup>2</sup>, tendo em 1950 chegado à 53ª edição (a editora o reimprimia a menos de quinhentos exemplares).

Desde as primeiras páginas de *Patachou* (quando eu ainda não sabia nada sobre este livro), fiquei fascinado pela delicadeza do tom, a autenticidade dos diálogos, a fragilidade das imagens. Pensei imediatamente no Pequeno Príncipe e imaginei, sem dar muita importância ao fato, que Saint-Exupéry devia ter lido a obra. Terminada minha leitura, fiquei absolutamente convencido disso.

## II. DEMONSTRAÇÃO

### 1.

À página 24 de *Patachou, petit garçon*<sup>3</sup>, uma passagem chama minha atenção:

[...] ele me pediu uma estrela. Eu disse que, quem sabe, com uma rede de caçar borboletas de cabo bem comprido... Acabei prometendo que pegaria uma estrela para ele e que a colocaria ao lado de seu travesseiro. Dez minutos depois, ele dormia profundamente. Ao acordar, porém:

— A estrela! — ele gritou. — Onde está a estrela<sup>4</sup>?

— Não está vendo que é dia? Ela voltou para casa. Você deveria ter acordado mais cedo. Ela estava bem perto da sua bochecha. Você poderia ter pegado na mão.

Ele me pediu:

— Na próxima vez, coloque-a dentro de uma caixa. Ela não conseguirá ir embora.

Fiz de novo o que ele pedia. Tínhamos uma pequena caixa.

— Não abra — eu disse. — A estrela fugiria.

Ele virava e desvirava a caixa:  
— Ela não pesa muito, essa estrela!  
Mas estava muito orgulhoso de seu tesouro.

Várias palavras soam estranhamente familiares: “estrela”, “caixa”, “tesouro”. A ideia de uma caixa que abrigaria o ideal também é familiar.

*O Pequeno Príncipe*: “Aqui está a caixa. O carneiro que você quer está dentro dela”. Um pouco mais adiante: “Depois, tirando meu carneiro do bolso, mergulhou na contemplação de seu tesouro”.

Nos dois casos, os “tesouros” são fictícios, e é esse imaginário que faz a riqueza da infância. Derème utiliza a palavra “boîte”, Saint-Exupéry “caisse”, mas à página 110 Patachu exclama: “Venha ver, uma caixa viva!”. A caixa do Pequeno Príncipe também está viva, ela contém um carneiro.

Apesar de Derème preferir “boîte”, procurei se a palavra “caisse” também aparece em Patachu. Sim, na página 157. E a frase é significativa: “É uma velha caixa de biscoitos, e é dentro dela que ele guarda seu tesouro”.

Alguém poderia dizer que Derème não fala em “carneiro”. Justamente, ele fala sim: a palavra “carneiro” é mencionada várias vezes (p. 121, 176, etc.), bem como a palavra “cordeiro” (p. 11, etc.).

2.

*Patachou*, p. 38:

Não sei por que lhe contei, certa noite, que a terra não mergulhava por inteiro na escuridão e que no momento em que Patachu dormia em Passy era a hora, no outro lado do mundo, de outro Patachu acordar.

— Então há dois Patachu?

Ficou desconsolado, pois queria ser uma pessoa única no universo [...].

*Pequeno Príncipe*, p. 64: “Sua flor lhe dissera que era a única de sua espécie no universo”.

As palavras mudam (mas são sinônimas), a ideia permanece: a candura do ser puro é acreditar-se único. A rosa herda esta qualidade de Patachu.

3.

*Patachou*, p. 61:

— Mais tarde — ele me disse naquela manhã —, vou visitar o paraíso dos elefantes.

— O paraíso dos elefantes...?

— Sim, você me disse que os animais não entram no nosso céu. Então deve existir um outro paraíso, para os animais que foram bons. Lá, verei todos os elefantes que se comportaram. Dois a dois, ele vão juntar a ponta de suas trombas e fazer um balanço para mim.

— E se eles ficarem brabos? Você não sabe que a tromba deles é tão forte quanto uma jiboia, e que uma jiboia pode sufocar um boi? Elefantes são animais enormes que têm uma jiboia na ponta do nariz.

Lado a lado, as palavras “elefantes” e “jiboia” serão reunidas numa imagem de *O Pequeno Príncipe*. Qual a ameaça da jiboia de Derème? Matar um boi. Graças a Saint-Exupéry, também sabemos que ela pode engolir um elefante. Para nos convencer, o autor chega a fazer um desenho.

4.

É fácil fazer uma lista de palavras-chave de *O Pequeno Príncipe*: estrelas, carneiro, caixa, focinheira, rosa, elefantes, jiboia, raposa, deserto, poço... Essas palavras também aparecem em *Patachou*, repetidas em várias páginas. Estrelas: p. 117, 209, etc. Cordeiro e carneiro: p. 11, 121, 176, etc. Caixa: p. 24, 110. Rosa: p. 14, 15, 209, etc. Elefantes: p. 72, 94, 133, 134, 143, etc. Jiboia: p. 61, 142 etc. Raposa: 186, 197, etc. Deserto: p. 60, 224. Poço: p. 38, 200, etc. Serpente: p. 28, 110.

Em apenas dois casos uma palavra não é idêntica mas um sinônimo: “caísse” e “agneau”, em vez de “boîte” e “mouton”. Derème também utiliza a palavra “mouton”, mas numa cena em que este animal não aparece como personagem.

Alguém poderia arguir: entre as palavras-chave, você se esqueceu, por exemplo, de “os mais velhos”, expressão favorita do narrador, ou ainda a palavra “avião”, também importante. Em *Patachou*, fala-se em vulcões que devem ser limpos ou numa “focinheira” para o carneiro? E você não deveria omitir a palavra que mais faz os leitores sonharem: “baobá”.

Vejamos esses termos um por um:

i) Os “mais velhos”.

A expressão aparece em Derème – e em Saint-Exupéry – já na primeira página: “O certo é chamar os mais velhos de senhor” (*Patachou*, p. 9).

Também é encontrada à página 60: “Patachu arregala os olhos. As crianças, que só parecem preocupadas em brincar, em geral não imaginam que os mais velhos também possam se divertir”. Página 63: “Então você não sabe que nem as crianças nem os mais velhos foram feitos para respirar embaixo d’água?”. Página 154: “[...] as crianças pequenas conhecem os segredos do Universo muito melhor do que os mais velhos”.

Derème nunca utiliza expressões similares como “os adultos” ou “os pais”. Tampouco Saint-Exupéry.

ii) “Avião”.

À página 42 de *Patachou*, fala-se em motores de aviões:

[...] seríamos humildes imitadores dos pássaros? É o que parece, às vezes, quando vemos os homens se equipando com asas. Mas quando a gasolina explode nos terríveis motores, um pássaro ri e atravessa as nuvens.

A palavra “avião” reaparece à página 147, quando Patachu exclama:

— Ah...! Eu gostaria de ter asas.  
— O homem construiu aviões.

iii) “Vulcão”.

A palavra não aparece em *Patachou*. Mas, à página 37:

Depois que Patachu viu, em meu velho Atlas, a figura estranha da Terra, um globo de fogo sob uma crosta, ele só pensa em perfurar nosso pobre planeta.

Patachu quer “perfurar” a Terra para encontrar fogo. O Pequeno Príncipe, por sua vez, limpa os vulcões de seu próprio planeta.

iv) “Focinheira”.

A palavra aparece pela primeira vez à página 85, a respeito de Cérbero, o cão que guarda os Infernos. Na segunda vez, à página 204, aparece um cabrito, chamado Brusquet:

Brusquet é muito pequeno. Decidimos instalá-lo dentro de um cesto arredondado coberto com uma toalha bem costurada a ele. Não se preocupe! Deixamos uma pequena abertura, pela qual ele pode passar a ponta do focinho; e toda cheia de precauções, tia Matilde colocou-lhe uma focinheira. Ele franzia as narinas e nos olhava com ar desconsolado. Uma focinheira!

O aviador de *O Pequeno Príncipe* também pensou em desenhar nas paredes da caixa pequenas aberturas (p. 14), para que o precioso cordeiro pudesse respirar.

v) “Baobá”.

Depois das palavras “estrelas”, “caixa”, “focinheira”, a probabilidade de nos depararmos com um “baobá” não parecem muito grandes. Nenhuma associação de ideias aproxima essas quatro palavras. Nenhuma, depois de enunciadas as outras três, vem espontaneamente à mente. No entanto, “baobá” aparece em *Patachou* em boa companhia, à página 192:

[...] a crer em suas palavras, seu engenho soube deixar cair as centenas de elefantes que barriam afiando suas presas terríveis nos baobás de seus sonhos.

A expressão “baobá de seus sonhos” é muito sugestiva.

Em *O Pequeno Príncipe*, o desenho dos baobás (p. 25) é precedido por aquele que mostra os elefantes empilhados (p. 22). A proximidade dos dois desenhos é equivalente à frase de Derème, em que “centenas de elefantes” precede “baobás”.

Portanto, podemos acrescentar à lista comum de palavras-chave: os mais velhos, os aviões e o motor, a focinheira do carneiro, os baobás.<sup>5</sup>

5.

Um desenho de *O pequeno príncipe*, à página 70, representa o personagem do caçador. Por que esse caçador usa um chapéu tão pontudo? Caçadores em geral usam bonés, ou práticos chapéus achatados. Ninguém parece ter encontrado uma resposta para esta pergunta. *Patachou* a responde à página 9:

“O certo é chamar os mais velhos de *senhor*.” Ouviu isso umas cem vezes.  
Tio Felipe foi passar oito dias no sítio. Ele gostava de caçar. Tinha uma grande espingarda e usava um chapéu tirolês.  
— O seu chapéu é pensenhor... — disse Patachu.  
— É um chapéu tirolês — explicou tio Felipe.  
— Sim, mas é um chapéu pensenhor.  
— Pensenhor? O que é isso?  
— Mamãe me disse para não usar o *tu*... Se eu pudesse usar o *tu*, diria que o chapéu é pontudo. Mas mamãe me proibiu. Então o chapéu é pensenhor.

Apesar de não ter mencionado essa ideia em palavras, Saint-Exupéry sugeriu-a num desenho.

6.

A leitura de *Patachou* fornece a resposta para outra pergunta. Por que o Pequeno Príncipe, de natureza tão etérea, usa um cachecol no pescoço? Peça de vestuário incompreensível para um ser próximo dos anjos, e tão surpreendente quanto um chapéu pontudo para um caçador. A resposta pode ser encontrada ao longo de todo *Patachou*. E ela decorre do mesmo princípio: aquilo que não consegue reproduzir com as palavras, Saint-Exupéry desenha.

Como todas as crianças, Patachu fica resfriado, ou poderia ficar. O temor do narrador em relação a um eventual resfriado de Patachu é tão constante que parece uma obsessão (p. 17, 35, 36, 63, 64, 133, 153, 167, 168, 188, 205, 212 etc.). Foi ela que, conscientemente ou não, sugeriu a Saint-Exupéry que protegesse seu Pequeno Príncipe do vento e do frio.<sup>6</sup> Ele viaja tanto!

Por fim, a esse respeito – pegar ou não pegar frio — a rosa do Pequeno Príncipe afirma: “Não temo tigres, mas tenho horror a correntes de ar” (p. 32). A expressão “corrente de ar” também aparece em *Patachou*, p. 163.

7.

E a rosa de Patachu?

Ela aparece várias vezes (p. 14, 15, 77 etc.) e Derème cita inclusive o verso de Ronsard “Vamos ver se a rosa...” (p. 76). Depois, à página 209 de *Patachou*:

Um rosa murcha, uma estrela apagada, não é tudo a mesma coisa?

Em *O Pequeno Príncipe*:

Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar [...] se o carneiro come a flor, para ele é como se, bruscamente, todas as estrelas se apagassem. (p. 30)

Apesar de vaidosa, a rosa não deixa de ser generosa.<sup>7</sup> Ela, incomodada com qualquer coisa, aceitará deixar de ser protegida por uma redoma:

— Mas os animais...

— Preciso suportar duas ou três lagartas se quiser conhecer as borboletas. Parece que são tão lindas.<sup>8</sup> (*O Pequeno Príncipe*, p. 36.)

A ideia já aparece em *Patachou*. Patachu, que tem um coração grande, não quer que uma aranha seja morta. Ele sonha em ter uma amoreira para alimentá-la. Diante do ceticismo do narrador, Patachu pergunta: “Como? Não entendeu? Já que vai se alimentar como um

bicho-da-seda, ela poderá tecer, o dia todo, fios de seda. Sua teia, que você despreza, será um lindo rolo de seda, preso à parede” (p. 189).

A aranha de Patachu se torna a lagarta de Saint-Exupéry, e o “lindo rolo de seda”, uma “linda borboleta”.

8.

As duas obras têm início com a oposição entre a criança cândida, que está sempre fazendo perguntas, e o narrador, que responde com dificuldade, preocupado com questões práticas.<sup>9</sup>

*Patachou*, p. 27:

— O que vou encontrar em meu sapatinho de Natal? — pergunta Patachu.  
— Fique quieto. Preciso escrever um artigo.  
— Então você não acredita no Papai Noel?  
— Me deixe em paz. Já disse que estou escrevendo um conto. Com essa barulheira, não consigo me concentrar.

Página 64:

A todo momento Patachu me puxava pela mão:  
— Vamos ver os peixes — ele pedia.  
Como recusar alguma coisa a Patachu? Eu abandonava meu livro ou meu jornal e saíamos para admirar a vitrine do vizinho.  
[...]  
Você entende que não posso passar minhas manhãs e tardes contemplando peixes. Preciso, ai de mim!, preencher muitas páginas ao longo do dia...

*O Pequeno Príncipe*, p. 14:

Então, sem paciência, como estava com pressa de começar a desmontar o motor, rabisquei este desenho aqui.

Página 27:

— Então os espinhos, servem para quê?  
Eu não sabia. Estava muito ocupado tentando afrouxar um parafuso apertado demais em meu motor.

Página 28:

Eu estava irritado com meu parafuso e respondi qualquer coisa.



A princípio incomodado, desorientado com as solicitações estapafúrdias de seu pequeno companheiro, o narrador de *Patachou* acaba aceitando responder-lhe. O aviador de *O Pequeno Príncipe* também.

9.

O conjunto de suposições é importante demais para que se trate apenas de coincidências, por isso retomo a leitura de *Patachou* a partir da primeira página. Algo não me havia chamado a atenção à primeira vista: a semelhança das iniciais dos dois títulos:

*Patachou, Petit Garçon*

*Le Petit Prince*

A dedicatória de *Patachou* usa uma fórmula ainda mais parecida: “Petit Patachou”.

As duas obras apresentam dedicatórias de natureza explicativa:

*Patachou:*

Para minha mãe  
E que este Pequeno Patachu  
Que lhe ofereço  
Levando-o pela mão  
Devolva-lhe com gratidão  
Toda felicidade de minha infância

Saint-Exupéry também se dirige a uma pessoa “mais velha”: Léon Werth. E pedindo desculpas às crianças, ele lembra que esse adulto também já foi criança. Derème também enfatiza a infância passada.

Saint-Exupéry encerra a dedicatória da seguinte maneira:

Para Léon Werth  
Quando ele era “petit garçon”

“Petit garçon” é o subtítulo de *Patachou*.

10.

O *incipit*, é como uma clave de sol intelectual que dá o tom da obra. Aragon já o demonstrou num ensaio famoso.

Início do segundo capítulo de *Patachou*: “Patachu tem seis anos...”. Início de *O pequeno Príncipe*: “Quando eu tinha seis anos...”.

À página 159, Derème começa um parágrafo da seguinte maneira: “Quando eu era menino...”. *O Pequeno Príncipe* começa com lembranças de infância do narrador.

11.

Nas primeiras páginas, Derème espera que, quando Patachu cresça, ele se torne “talvez um general famoso, um acadêmico coberto de louros, um célebre engenheiro, que terá perfurado vários istmos” (p. 13).

À página 17, ele retoma a mesma ideia:

Acho que você sorriu, antes, quando eu disse que Patachu se tornaria um grande almirante ou marechal da França, não lembro mais qual dos dois. Sem dúvida leio muito mal o futuro, e você talvez veja Patachu acabar num emprego mais modesto. Mas não importa. O essencial não é que ele seja feliz e que você seja feliz como ele?

Derème deseja que Patachu se atenha ao “essencial”, mas teme que o futuro desaponte suas esperanças.

Saint-Exupéry, no início de *O Pequeno Príncipe*, desenvolve o mesmo argumento: criança, ele possuía o essencial, perdeu-o ao envelhecer e precisou tornar-se aviador.

12.

A lista comum de palavras-chave (estrelas, jiboia, elefantes, rosa, baobás, caixa, focinheira...) mostra que Saint-Exupéry partiu de *Patachou* para desenvolver a imagética de *O Pequeno Príncipe*. Mas às vezes não é uma palavra que desencadeia um episódio, é toda uma cena, da qual Saint-Exupéry oferece um equivalente pictórico ou narrativo. Vimos como a cena do caçador de chapéu ponsenhor/pontudo levou ao desenho do chapéu pontudo do caçador (p. 70). Vejamos outras semelhanças, dessa vez narrativa:

i) O personagem castor/raposa

*Patachou*, p. 33:

— Se eu me comportar, você me compra um castor?  
— E o que vai fazer com um castor?

— Vou dizer: Bom dia, senhor castor...  
— Você é muito educado. Mas o que vai fazer com ele?  
— Contar-lhe um segredo...

Aquilo que Patachu não pôde fazer, o Pequeno Príncipe fará com outro animal:

— Bom dia — disse a raposa.  
— Bom dia — respondeu educadamente o Pequeno Príncipe [...] (p. 66).

Saint-Exupéry manteve a palavra de Derème, “educado”, mas aqui é o animal que diz “bom dia”<sup>10</sup>, pois ele é que guiará o menino. O segredo de Patachu é o mesmo que a raposa revela ao Pequeno Príncipe?

ii) O personagem raposa.

A presença da “raposa” é latente em *Patachou* à página 197: “[...] e se chegasse uma raposa [...]”. (*O Pequeno Príncipe*: “Foi então que apareceu a raposa”, p. 66.) Algumas linhas adiante: “Patachu, continue organizando o mundo; e confunda as raposas”.

Em *O Pequeno Príncipe*, a raposa<sup>11</sup>, criando laços de amizade, organiza o mundo. Mas o que caracteriza essa raposa é o fato de que ela gostaria de ser “domesticada” [*apprivoisé*]. Esse termo já havia aparecido em *Patachou*? Sim, mas de maneira interrompida. À página 116, preocupado com as andorinhas que vão para a África<sup>12</sup> durante o inverno, Patachu pergunta ao narrador: “Você pode me ensinar a domesticá-las?” [*apprivoiser*].

À página 81, a propósito do poeta Orfeu, Derème explica: “Quando ele cantava, acompanhado por sua lira, os leões, os tigres e os ursos iam deitar-se a seus pés”. Orfeu sabia “domesticar” os animais. Um poder que o Pequeno Príncipe exercerá sobre a raposa e a serpente. Um poder que Patachu também possui: “Não sei que sentimento misterioso o prende aos animais” (p. 191).

13.

*Patachou*, p. 21:

Vamos levar a carta ao correio. Patachu beija o envelope, dizendo: Bom dia, mamãe.  
— Sabe, sua mãe está em Valladolid.  
— Então Valladolid fica atrás deste buraco?  
— Sim.  
— Mas ontem ela estava em Burgos e colocamos a carta no mesmo lugar. Burgos estava aqui atrás, ontem?  
— Quero dizer...

Ele sonha um momento, depois diz:  
— Entendi. É a Terra que gira.  
Ele fica satisfeito. Acredita ver, sucessivamente, as cidades da Espanha passando atrás da caixa de correio. A terra gira em torno dele. Patachu é o centro do mundo.  
Patachu fixo no meio dos planetas...

*O Pequeno Príncipe*, p. 26:

Gosto de pores do sol.<sup>13</sup> Vamos ver um pôr do sol...  
— Mas é preciso esperar...  
— Esperar o quê?  
— Esperar que o sol se ponha.  
Você pareceu muito surpreso, de início, e depois riu de si mesmo. E me disse:  
— Sempre penso que estou em casa!

A Terra gira em torno do Pequeno Príncipe, e Patachu pensa que ela gira em torno dele mesmo.<sup>14</sup>

14.

Patachu muitas vezes está “melancólico” (p. 57, 172, 225 etc.). O Pequeno Príncipe também (p. 18, 26, 34, 86 etc.).

Patachu esconde um “segredo”: “Você acabará me confessando o segredo de sua dor [...]” (p. 173). O Pequeno Príncipe também: “[...] No quinto dia, sempre graças ao carneiro, o segredo da vida do pequeno príncipe me foi revelado” (p. 27).

O segredo do Pequeno Príncipe é que ele vai ter que deixar o narrador. Em *Patachou*, o narrador se queixa: “[...] seu segredo é que você gostaria de ir embora” (p. 219).

15. O homem de negócios.

i) Em *Patachou*, o homem de negócios de chama Jerônimo (Jérôme), vende peixes e, é claro, fala em dinheiro.

— Quero um peixe! — exclama Patachu.  
— E qual seria? — continua Jerônimo. — Temos linguados, tubarões, esturjões, baleias...  
Patachu bem que gostaria de uma baleia. Ele olha para mim; teme que sejam caros demais. Acaba pedindo um tubarão.  
— Lembre-se de que é um peixe perigoso — Jerônimo avisa. — Se, à tarde, seu tubarão devorar meus outros peixes, você terá que pagar por eles.  
Patachu olha de novo para mim; ele hesita e pede um esturjão. Jerônimo rasga uma página de seu caderno e assina um recibo, enquanto tiro uma moedinha do bolso e declaro que tudo anda muito caro.

— Por que escolheu um esturjão, Patachu?  
— Porque o esturjão nada rio acima. Quando souber que é meu, ele talvez volte para Paris com a gente, subindo o rio Sena. (p. 56)

O narrador conclui que Patachu tem sonhos tão palpáveis que é como se ele os possuísse, ao passo que alguns vendedores têm “barras de ouro em minas que nunca serão exploradas. Mas estes não admiram seus títulos guardados em cofres?” (*Patachou*, p. 58).

O Pequeno Príncipe, por sua vez, pergunta ao homem de negócios que monopoliza “coisinhas que brilham”:

— E o que faz com essas estrelas?  
— O que faço?  
— Sim.  
— Nada. Elas são minhas.  
[...]  
— E possuir estrelas serve para quê?  
— Serve para ser rico.  
— Eu, quando tenho um lenço, posso colocá-lo no pescoço e levá-lo comigo. Quanto tenho uma flor, posso colher minha flor e levá-la comigo. Mas você não pode colher as estrelas!  
— Não, mas posso colocá-las no banco. (p. 47).

“Rico” por “barras de ouro”; “o esturjão [...] talvez volte com a gente” por “colher minha flor e levá-la comigo”; “cofre” por “banco”. Patachu pode “pescar seu peixe”, o Pequeno Príncipe pode “colher sua flor”.

ii) À página 159 de *Patachou*, o narrador conta que sua imaginação de criança transformou uma pedra em diamante:

É um diamante, eu dizia para mim mesmo. Tenho um diamante.

Em *O Pequeno Príncipe*, o homem de negócios explica:

Quando você encontra um diamante que não é de ninguém, ele é seu. [...] E eu possuo as estrelas, pois ninguém antes de mim jamais pensou em possuí-las.  
— É verdade — disse o pequeno príncipe. — E o que faz com elas?  
— Eu as gerencio. (p. 48).

Gerenciar seus bens é algo que não interessa ao Pequeno Príncipe. O que ele quer já estava em *Patachou*:

Ora eu me dizia: meu diamante é uma pedra; e ora: minha pedra é um diamante. É um pouco, creio, o que se chama sonhar. (p. 159).

iii) Em Derème, o narrador ensina a Patachu os segredos da divisão:

O quociente de vinte por quatro é cinco. Você vai se lembrar...? Bom. Você tem dois braços e duas pernas; o que dá quatro membros. Eu disse quatro. Divida vinte por quatro. Qual o quociente? Conte na ponta de cada uma de suas mãos ou de cada um de seus dedos. Você encontrará cinco... cinco dedos. Vinte dividido por quatro dá cinco. (p. 105).

Ele antecipa as adições furiosas do homem de negócios de Saint-Exupéry:

Três e dois dá cinco. Cinco e sete, doze. Doze e três, quinze. Bom dia. Cinco e sete, doze. Doze e três, quinze. Sem tempo para reacender o cigarro. Vinte e seis e cinco, trinta e um. (p. 45).

16.

Além do vendedor de peixes (p. 56) e do caçador de chapéu pontudo (p. 9), de que já falamos, Patachu encontra: o cocheiro (p. 46), o pescador (p. 137), o avaro (p. 157), Clemente (p. 176), o Papai Noel (p. 177), o fiscal (p. 204). Saint-Exupéry se inspirará em dois personagens, Clemente e o controlador.

i) Clemente:

À página 56, Clemente, que tem uma “grande barba branca”, é comparado ao deus Netuno: “se carregasse um tridente, seria confundido com Netuno”. Lembremos que Netuno reina sobre os mares.

O Pequeno Príncipe, à página 36, encontra um rei “vestido de púrpura e arminho”. O arminho é sinônimo de brancura. O rei está sentado num trono, desenhado por Saint-Exupéry: ele é azul-marinho.

Para esse rei, “todos os homens são súditos” (p. 37), aos quais ele só sabe ditar ordens. Ora, à página 176, o diálogo entre Clemente e Patachu gira em torno do “rebanho” de Clemente.

Patachu tem um crise de bocejos às páginas 141 e 146. Na presença do rei, o Pequeno Príncipe também tem uma crise de bocejos.<sup>15</sup>

ii) O fiscal (*contrôleur/aiguilleur*)

À página 204, Patachu viaja de trem. O fiscal chega, tem início um breve diálogo. Saint-Exupéry utiliza a palavra “aiguilleur” [guarda-chaves\*] (p. 74) e não “contrôleur” [fiscal]. Mas à página 89 de *Patachou*, lemos: “Teria feito uma bela estrada de ferro, com linhas [*aiguilles*] e pequenas estações [...]”.

O fiscal/guarda-chaves de Saint-Exupéry se queixa da loucura dos homens, que nunca ficam no lugar. O tema da agitação dos homens e dos trens ocupa a página 88 de *Patachou*.<sup>16</sup> Derème o retoma às páginas 150 e 151. Ao descobrir que os lagostins caminham para trás, Patachu pergunta:

— Por que os homens não andam para trás?  
— Não sei, Patachu. Sem dúvida porque não têm olhos atrás da cabeça. Eles sempre querem ver para onde estão indo. Sempre? Poderíamos divagar sobre isso. Conheço muitos que, na vida, fecham os olhos.

Da mesma forma, o fiscal/guarda-chaves critica os homens por dormirem:

— Eles não perseguem nada — disse o fiscal. — Dormem lá dentro, ou bocejam. (*O Pequeno Príncipe*, p. 74).

17.

O episódio, à página 49, do acendedor de lampiões, que acende e apaga regularmente sua estrela, tem como ponto de partida a página 208 de *Patachou*, em que o menino pergunta ao narrador:

[...] Se caísse uma velha estrela no fundo do jardim, ela seria minha. Você a daria a mim...?  
— Com prazer. Mas o que faria com ela?  
— Eu a juntaria...  
— Você se queimaria.  
— Ah...! Eu primeiro esvaziaria toda a jarra d’água sobre ela e, depois, pegaria ela com dois dedos, por uma das pontas.  
— Como assim?  
— Ora! Sim, como uma estrela do mar.  
— Mas assim, meu pobre Patachu, você teria nas mãos apenas uma estrela apagada.  
— Você poderia acendê-la de novo?  
— Com meu isqueiro? E você acha que um homem pode acender as estrelas?

A resposta do Pequeno Príncipe é: sim.

---

\* A tradutora Denise Bottmann é quem utiliza o termo guarda-chaves em sua tradução de *O Pequeno Príncipe*. Lembremos que o guarda-chaves era o fiscal responsável por operar as chaves nos desvios ou entroncamentos das linhas. (N.T.)

18.

Quando o Pequeno Príncipe encontra o geógrafo (p. 53), ele enumera as maravilhas de seu planeta: primeiro “dois vulcões em atividade e um vulcão apagado”, depois uma rosa. Apesar da palavra “geógrafo” não aparecer em *Patachou*, a palavra “geologia” aparece em relação direta com a infância: “Tente então ensinar geologia às crianças ou dizer-lhes apenas algumas palavras vagas!” (p. 37). A correspondência parece duvidosa. Mas Derème também fala, quatro linhas acima, do “estrondo do fogo central”.<sup>17</sup>

19.

Derème escreve, à página 131:

O que está fazendo, Patachu? [...]

— Brincando de poeta! — ele respondeu. — Não é muito difícil. Assim que digo uma palavra, alguém me responde com uma rima. Mas é preciso gritar bem forte.

— É o eco, Patachu.

— Ora! Então o eco é poesia.

Saint-Exupéry, p. 63:

O pequeno príncipe subiu uma grande montanha. [...]

— Bom dia — ele disse ao acaso.

— Bom dia... bom dia... bom dia... — respondeu o eco.

— Quem é você? — perguntou o pequeno príncipe.

— Quem é você... quem é você... quem é você... — respondeu o eco.

[...] Que planeta engraçado!, ele pensou. É todo seco, todo pontudo e todo salgado. E os homens não têm imaginação.

Derème vê no fenômeno do eco a base da poesia. Saint-Exupéry, uma falta de imaginação.<sup>18</sup>

20.

O desenho da página 64, que mostra o Pequeno Príncipe no topo de um pico rochoso, tem origem na página 17 de *Patachou*:

E podemos ser muito felizes sem viver em meio à glória e sem ter sentado, ao som de aplausos, no topo do Himalaia. Lembre que faz muito frio no topo das



montanhas; é fácil pegar um resfriado. É um lugar perigoso e onde se fica um tanto sozinho.

Saint-Exupéry, p. 63:

O pequeno príncipe subiu uma grande montanha. [...] “De uma montanha alta como esta”, ele pensou, “eu veria de uma só vez todo o planeta e os homens...”. Mas ele não viu mais que picos rochosos muito pontudos.  
[...] Sejam meus amigos, estou sozinho — ele disse.

“Topo do Himalaia” por “montanha alta com esta”; “viver em meio à glória” por “eu veria de uma só vez todo o planeta e os homens”; “lugar perigoso” por “picos rochosos muito pontudos”; “um tanto sozinho” por “estou sozinho”.

21. Em *Patachou*, a “viagem” é um *leitmotiv* (páginas 87, 89, 115 etc.). Em *O Pequeno Príncipe* também. As viagens sucessivas dos dois heróis têm a mesma base e a mesma conclusão filosófica: aprender a viver é viajar e crescer em perplexidade. O Pequeno Príncipe viaja de planeta em planeta, no fim, como Patachu, e a cada vez encontra neles um único homem.

i) Patachu “viaja”, mas sonha com a solidão:

Eu gostaria, diz Patachu, de ter uma pequena cabana, no alto da montanha e, lá, viver sozinho. (p. 219).  
— Você não quer mais ver os homens?  
— Não, quero estar sozinho. (p. 220).

No outro extremo, Saint-Exupéry faz o Pequeno Príncipe viajar por causa de sua longa solidão:

Por muito tempo você só teve como distração a doçura de um pôr do sol (p. 26);  
Sejamos amigos, estou sozinho, ele disse (p. 63).

ii) Os dois têm um “reinado”.

*Patachou*, p. 192: “[...] você se contenta em sensatamente estabelecer seu reinado imaginário sobre os animais”. À página 94, Derème diz que Patachu “é soberano”.

Saint-Exupéry prefere o título de príncipe.

22.

O famoso “Desenhe um carneiro para mim” tem origem em duas fórmulas. A primeira apresenta a mesma construção sintática: “Conte uma história para mim” (*Patachou*, p. 68). A segunda é interrogativa, e retomada três vezes: “Se eu me comportar, você compra um castor para mim?” (p. 33); “Você compraria um gambá para mim?” (p. 91); “Você compra uma girafa para mim?” (p. 117).

Esses três inícios de capítulos sugeriram a Saint-Exupéry apresentar seu Pequeno Príncipe por meio de um pedido. O episódio do gambá<sup>19</sup>, em *Patachou*, deve ter desencadeado tudo, pois ele ocupa um capítulo inteiro.

Primeira parte: o narrador não vê como conseguir um gambá para seu pequeno amigo. Patachu insiste. O narrador propõe perguntar aos vendedores do Mercado Público (pensou em comprar-lhe um simples rato morto): “Ah, não!”, responde Patachu, “não quero que meu gambá esteja morto!” (p. 91). Quando o avião desenha um primeiro carneiro ao Pequeno Príncipe, a resposta é bastante parecida: “Não! Este já está muito doente. Faça outro” (p. 14).

Segunda parte: o narrador avisa Patachu – “Fique sabendo, Patachu, que o gambá é carnívoro, e mesmo carniceiro.” Patachu fica decepcionado. O segundo carneiro desenhado pelo avião tem chifres. Ele também não agrada ao Pequeno Príncipe. Nenhum dos dois quer um animal agressivo.

Terceira parte: o Pequeno Príncipe recebe o carneiro ideal, que é invisível. Patachu também ganhará seu gambá, mas mais tarde, e por isso ele é ideal:

Quando eu for grande, ele disse, irei onde é preciso e trarei um gambá. Ele fará nossas compras. Prenderemos uma lista em sua coleira, e ele irá sozinho às lojas (p. 94).

O equivalente da palavra “coleira” aparece em *O Pequeno Príncipe* quando o avião exclama:

[...] esqueci de acrescentar a correia de couro! (p. 93)

O episódio do gambá/carneiro pode ser resumido da seguinte maneira: 1) formulação do pedido, com insistência. 2) oferta de um animal julgado feio demais pelo menino. 3) oferta de um segundo animal, julgado agressivo demais. 4) solução encontrada num animal invisível, um no tempo, o outro no espaço (o interior de uma caixa).

23.

Outra preocupação do Pequeno Príncipe: a guerra entre carneiros e flores.

Faz milhões de anos que as flores produzem espinhos. Faz milhões de anos que os carneiros mesmo assim comem as flores. E não é sensato tentar entender por que elas se dão tanto trabalho para produzir espinhos que nunca servem para nada? (p. 29)

Patachu também se preocupa com uma guerra, entre morangos e patos:

Eles são indefesos. Os patos os devoram. Se, ao menos, eles tivessem uma casca grossa, como as nozes, ficariam ao abrigo dos bicos, pois as nozes, tão bem protegidas, nada têm a temer, pois os patos não sobem em árvores. (p. 217)

Algumas páginas depois, desapontado por não impedir os leões de morder:

— Então — disse Patachu com melancolia —, não podemos mudar nada nesse mundo?  
— Temo que não. Gatos sempre comerão ratos e leões comerão homens.  
— Não vale a pena eu me cansar tanto com minhas invenções. Mas meu bando de leões era bonito, com o rabo entre os dentes.<sup>20</sup> (p. 225).

24.

Podemos ler em *Patachou*, à página 209, a seguinte estrofe:

Vamos esperar, Patachu, que uma estrela pouse,  
E rir, sonhando que um milagre amanhã  
Nos console da rosa  
Que perde as folhas em nossa mão.

Segundo a técnica das palavras indutoras, praticada especialmente por Lautréamont, mas também por Nerval<sup>21</sup> e Baudelaire<sup>22</sup>, obtemos: VAMOS ESPERAR UMA ESTRELA E RIR SONHANDO COM A ROSA.

Saint-Exupéry escreveu:

Se você ama uma flor que está numa estrela, à noite é doce olhar para o céu. (p. 86)

Quando você olhar para o céu, à noite, já que estarei numa delas, já que rirei numa delas, então será para você como se todas as estrelas rissem. Você terá estrelas que sabem rir. (p. 87)

Outro exemplo de *Patachou*, à página 187:

Patachu, Patachu, é Ano Novo.  
O passado já murchou.  
Onde caíram os dias que vivemos?  
Você os viu deslizando como moedas  
No fundo de caixas eternas.  
O bom Deus as guarda e nos dirá mais tarde:  
“Vocês não beberam néctar demais  
Quando sonhavam sob os caramanchões?”  
Eles nos receberá num grande cruzamento.  
Os anjos tocarão tambor;  
Os astros formarão cachos de cerejas.  
Mas ele fará tilintar a moeda dos dias,  
Para nos lembrar nossas tolices  
E ocê...

Com o mesmo método das palavras indutoras, obtemos o esquema narrativo de *O Pequeno Príncipe*: ANO PASSADO CAI – CAIXAS SONHAVAM – ASTROS TILINTAR NOS LEMBRAR VOCÊ. Em outras palavras: Ano passado caiu o Pequeno Príncipe – Ele sonhou com uma caixa que guardasse o essencial – Hoje as estrelas me fazem lembrar dele constantemente.

25.

A imagem das estrelas que se agitam como guizos (“É como quinhentos milhões de guizos...”, *O Pequeno Príncipe*, p. 91) encontra-se à página 169 de *Patachou*, quando o narrador, surpreso que Patachu possa ouvir uma lebre correndo ao longe, pergunta: “Ela tinha um guizo?”.<sup>23</sup> Mais que a palavra, porém, é a ideia de um guizo celeste que prendeu a atenção de Saint-Exupéry. Depois de encontrar um cocheiro idoso com seu velho cavalo, Patachu torna-se sonhador:

— No que está pensando, Patachu?  
— Que logo o céu vai ganhar um cavalo.  
— O céu?  
— Quando o velho cocheiro bater à porta, você acha que São Pedro vai deixar o cavalo de fora? O cocheiro ficaria triste demais.  
— Patachu, os cavalos não vão para o paraíso.  
— Mas o cocheiro não vai abandonar o seu companheiro. Os dois vão ficar juntos, nos ares, e com a charrete.  
Ontem à noite, caiu uma pequena tempestade sobre Paris. Ao primeiro trovão, Patachu disse:  
— Está ouvindo? É a charrete andando nas nuvens. Está rodando os céus à espera de que São Pedro abra a porta.

A palavra “guizo” (*Patachou*, p. 91 e 224), ligada à ideia de um “cavalo no céu” (p. 47) e de uma “charrete andando nas nuvens” (p. 48) prepara a imagem dos guizos no céu estrelado.

26.

Outros exemplos de utilização de palavras indutoras.

i) Palavras indutoras retiradas de páginas diferentes de *Patachou*: “Um animal com bolso parece muito digno de estima” (p. 94); “É uma velha caixa de biscoitos, e é dentro dela que ele guarda seu tesouro” (p. 157). *O Pequeno Príncipe*: “Depois, tirando meu carneiro do bolso, ele mergulhou na contemplação de seu tesouro” (p. 16).

ii) Palavras indutoras retiradas de uma única página: “[...] seu elefante de pelúcia que tem orelhas de cachorro [...]” (*Patachou*, p. 143). Algumas linhas depois: “Ah! Meu pobre elefante, o que será de mim se me nascer um chifre cozido?”. *O Pequeno Príncipe*: “Sua raposa... as orelhas... se parecem um pouco com chifres...” (p. 82).

iii) Palavras indutoras retiradas de uma mesma frase:

O narrador de *Patachou*: “Quando eu era pequeno, era uma espécie de falso avaro; quer dizer, em vez de enterrar um tesouro eu fazia justamente o contrário” (p. 159). O narrador de *O Pequeno Príncipe*: “Quando eu era pequeno, eu morava numa casa antiga, e uma lenda dizia que havia um tesouro enterrado ali” (p. 78).

*Patachou*: “[...] você poderia pular em meu quarto ou me contar histórias africanas...” (p. 43). *O Pequeno Príncipe*: “Então refleti muito sobre as aventuras na selva [...]” (p. 9).

O narrador de *Patachou*: “E, de repente: — Entendi...!” (p. 67). O narrador de *O Pequeno Príncipe*: “Ah, pequeno príncipe! Entendi, pouco a pouco [...]” (p. 26).

27.

O tema das “estrelas muito próximas”:

*Patachou*: “[...] sonhei, como você, que uma estrela, como um lindo pássaro de luz, logo pousaria em meu jardim” (p. 208). *O Pequeno Príncipe*: “[...] vou lhe dar um presente [...] Você terá estrelas como ninguém...” (p. 87).

As estrelas podem estar ao alcance da mão e se tornar um tesouro:

*Patachou*: “O universo não foi criado para esse pequeno garoto poder rir e dançar? O sol só existe para iluminar suas brincadeiras e se à noite as estrelas brilham, é para velar o sono inocente de Patachu” (p. 46). *O Pequeno Príncipe*: “Você sentirá vontade de rir comigo. E às vezes abrirá sua janela, assim, por prazer. [...] Será como se eu lhe tivesse dado, em vez de estrelas, um monte de pequenos guizos que sabem rir...” (p. 88).

28.

O tema das “lágrimas”.

“Ele começou a chorar silenciosamente. O que responder a lágrimas tão puras?” (*Patachou*, p. 204).

“Eu não sabia como alcançá-lo, ou chegar a ele... É tão misterioso, o país das lágrimas” (*O Pequeno Príncipe*, p. 30).

29.

O tema mais importante de *O Pequeno Príncipe* é filosófico: “Só vemos bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (p. 72). Variante: “Mas os olhos são cegos. É preciso buscar com o coração” (p. 81).

i) “Só vemos bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.

A palavra “essencial” aparece em *Patachou*, à página 17: “O essencial não é que ele seja feliz e que você seja feliz como ele?”. E também à página 110: “[...] o essencial é navegar por belos sonhos”. À página 100, encontramos uma ideia idêntica à do “essencial é invisível aos olhos”: “As ilhas que buscamos alhures estão dentro de nós... Nossa fortuna está em nós mesmos”.

ii) “Mas os olhos são cegos. É preciso buscar com o coração”.

Esta frase origina-se de uma das cenas mais bonitas de *Patachou*, entre as páginas 49 e 52. Contam a Patachu que os cegos enxergam à noite graças aos olhos fechados das crianças adormecidas. Como Patachu tem bom coração, ele tem pressa de ir dormir para emprestar seus olhos aos cegos, caminhando de olhos já fechados. Derème escreveu: “Está na hora de emprestar os olhos aos cegos”. Saint-Exupéry modifica a frase para obter a alegoria “os olhos

são cegos”. A marcha para casa “às cegas” de Patachu ocorre à noite. A marcha do Pequeno Príncipe para o poço também. Para avançar, Patachu segura a mão do narrador. O Pequeno Príncipe também.

30.

Um poço ocupa uma posição vital em *O Pequeno Príncipe* (p. 80). Ele tem três características: surge de repente, aparece no fim da história, parece um “poço de aldeia”.

A palavra “poço” aparece pela primeira vez em *Patachou* à página 38: “No fundo do poço, que é muito profundo, em pleno dia vemos as estrelas”. Também à página 39: “Dizem que a verdade sai do poço! Mas esse poço, Patachu o encha com seus sonhos”. Mas não foi este o poço que estimulou a imaginação de Saint-Exupéry. Foi aquele ao qual é dedicado um capítulo inteiro de *Patachou* (p. 199 a 201) e que tem três características: ele surge de repente, ele aparece no fim da história, ele parece um “poço de aldeia”.

O início desse capítulo sem dúvida desencadeou tudo: “Temos um poço!”. Algumas linhas adiante: “Um poço, há um poço no fundo do jardim! Que surpresa”. Trata-se de um falso poço, sem água. Ele tem, no entanto, um “balde” e uma “corrente”. Saint-Exupéry mais uma vez faz o exato oposto: a descoberta de seu poço ocupa a última linha, e não a primeira, de um capítulo (XXIV). Ele mantém o “balde”, mas prefere a palavra “corda” à palavra “corrente”, e, é claro, coloca o centro de tudo na água (“Tenho sede desta água”, p. 80). Mas a surpresa do avião é tão grande quanto a do narrador de *Patachou*.

Patachu e o Pequeno Príncipe são os primeiros a se debruçar sobre a borda. Os homens “mais velhos” os seguem, temerosos.

O narrador de *Patachou* fica desapontado porque o poço é falso (a tia Matilde mandou colocá-lo durante sua ausência). O avião, ao contrário, exulta, feliz por seu companheiro: “E entendi o que ele havia procurado!” (p. 81).

Dentro desse poço, Saint-Exupéry vê “tremer o sol”. “No fundo do poço, que é muito profundo, em pleno dia vemos as estrelas” (*Patachou*, p. 38). Mas Derème não atinge o sublime. Enquanto o Pequeno Príncipe ouve um canto, Patachu só consegue tranquilizar seu interlocutor:

Talvez, insinua Patachu, ele cresça...

— O que está dizendo?

— Ora! Sim, eu cresço em altura: já que sempre tenho os pés no chão, é minha cabeça que sobe. Os peixes e os lagartos crescem em comprimento; talvez os poços

cresçam em profundidade. Não sabemos... Quando ele estiver bem velho, talvez fiquemos com medo de cair dentro dele?

31.

Apesar da serpente prestativa aparecer ao Pequeno Príncipe, observa-se, à página 28 de *Patachou*, um grupo de palavras indutoras:

Em seu quarto, há apenas um radiador. Não conheço nada mais triste do que esse instrumento. Parece uma serpente de ferro – uma cobra inverossímil, quente.

O adjetivo “triste” dá o tom da cena. A palavra “instrumento” pode ter sugerido a Saint-Exupéry a ideia de fazer da serpente o “instrumento” do destino.

“Serpente de ferro” por “bracelete de ouro” (expressão que define a primeira aparição da serpente em *O Pequeno Príncipe*, p. 60).

A “cobra”, serpente inofensiva, torna-se, por antítese, uma serpente “venenosa” (*O Pequeno Príncipe*, p. 84).

O inverso de “quente” é “frio”. Frio como a morte. A serpente vai “esfriar” o Pequeno Príncipe.

E a palavra “radiador”? *O Pequeno Príncipe*, p. 84: a serpente “insinuou-se por entre as pedras com um leve ruído de metal”. A precisão do “leve ruído de metal” surpreende. Por que uma serpente faria esse som? A resposta está na palavra “radiador”. Pois o radiador do qual se fala em *Patachou* “vibra” e faz o “som das sereias”. Ora, que animal vibra e assobia, e simbolicamente, tenta o homem mais do que uma sereia?

O narrador faz Patachu acreditar que o radiador “se comunica com o oceano”. Saint-Exupéry escreve: “[...] a serpente se deixou suavemente escorrer na areia, como um jato d’água se dissipando [...]” (p. 84).

32.

*Patachou*, p. 114:

- [...] eu gostaria de ter asas.
- Para fazer o quê?
- Para ir para longe.
- E depois que chegar longe?
- Vou voltar.



— Então não vale a pena sair do lugar. Você está aqui, sentado a meu lado; basta imaginar que fez uma grande viagem.

Patachu não piscou; ele assumiu seu ar mais grave e disse:

— Você não vai acreditar.

— O que foi?

— Fiz uma grande viagem.

— E quando foi isso, senhor? Não fiquei sabendo.

— Na noite passada.

— E para onde você foi? O que viu?

— Parti na ponta dos pés assim que pensei que você estava dormindo. Havia um lindo luar.

Patachu conta que partiu à noite. O Pequeno Príncipe promete à serpente: “Estarei lá esta noite” (p. 83).

33.

Patachu, à página 61, fala da vida após a morte (dos elefantes):

— Eles vão fazer de conta que pastam, à luz do luar.

— Fazer de conta...?

— Sim. Elefantes mortos não sentem fome [...].

*O Pequeno Príncipe*, p. 88: “Vai parecer que passo mal... vai parecer que estou morrendo”.

Para ambos, a vida após a morte não é a mesma que para nós. Os elefantes não sentem fome, o Pequeno Príncipe não passará mal. A lua aparece nas duas evocações.

34.

Nas últimas páginas de *Patachou*, somos informados: “Patachu, meu amigo, chegou o primeiro dia do ano” (p. 171). Depois, na próxima página: “Você vai acabar me confessando o segredo de sua dor”. Pois Patachu está triste, como também estará o Pequeno Príncipe, que, ao fim da história, também menciona um aniversário: “Esta noite, fará um ano. Minha estrela estará bem acima do lugar onde caí no ano passado” (p. 86). Em Patachu, outro ano novo aparece, à página 187. Algumas linhas depois, é citada a poesia, já mencionada, que resume toda a história do Pequeno Príncipe:

Patachu, Patachu, é ano novo.

O passado já murchou.

Onde caíram os dias que vivemos?

Em Saint-Exupéry, o aniversário, ligado à queda do Pequeno Príncipe em nossa terra, é dramatizado.

35.

Ao fim de *Patachou*:

- [...] Está se entediando conosco?
- Ah! Não, pois estou contando todos os meus segredos.
- Sim, mas seu segredo é que você gostaria de ir embora. (p. 219).

O Pequeno Príncipe, por sua vez, que guarda preciosamente o seu segredo, vai de fato embora. Em Derème, a partida é alegórica: Patachu vai deixar a infância. Em Saint-Exupéry, a partida é real: o Pequeno Príncipe deixa a terra.

A filosofia de Derème: “[...] e, sem dúvida, o grande segredo da felicidade é tirar da própria tristeza uma espécie de consolo” (p. 101). A de Saint-Exupéry: “Agora consolei-me um pouco. Quer dizer... não totalmente” (p. 91).

Nos dois casos, tristeza e alegria se misturam. Derème escreve:

Aprecia a hora que soa...  
E sorri para a vida com olhos contentes.

Saint-Exupéry:

Gosto, à noite, de ouvir as estrelas. É como quinhentos milhões de guizos. [...] Olhe para o céu. Pergunte-se [...].

“Aprecia” por “gosto”; “a hora que soa” por “ouvir as estrelas [...] milhões de guizos”; “olhos contentes” por “olhe para o céu”.

Derème sugere aos “mais velhos” que eles saibam envelhecer. Saint-Exupéry, heroico demais para se resignar a isso, só pode sentir falta da infância.

36.

Últimas páginas de *Patachou*:

Basta estar longe das coisas ou não vê-las para sonhar livre e feliz com elas e para atribuir-lhes todos os mistérios [...] (p. 201).

Última página de *O Pequeno Príncipe*:

[...] nada do universo é igual se em algum lugar, não se sabe onde, um carneiro que não conhecemos comeu ou não uma rosa... (p. 93).

37.

Como resumir *O Pequeno Príncipe* numa frase? É a história de um avião que, após uma aterrissagem forçada no deserto africano, encontra um menino mágico graças ao qual ele esquece seu medo.

Os elementos que definem esta história cabem numa frase de *Patachou*, à página 224. Patachu sonha em neutralizar todos os animais malvados: “Se eu conseguir, não haverá mais nenhum perigo na travessia dos desertos. [...] Não se temerá mais, na África”.<sup>24</sup>

38.

O que liga simbolicamente os dois personagens de *O Pequeno Príncipe* são as “asas” que ambos possuem. Uma é de aço, as outras invisíveis. Em *Patachou*, a palavra “asas” aparece à página 147, num diálogo reduzido ao essencial:

— Ah...! Eu gostaria de ter asas.  
— O homem construiu aviões.

As asas com que Patachu sonha serão herdadas pelo Pequeno Príncipe.

39.

Mais três frases de *Patachou* definem o Pequeno Príncipe e prefiguram seu drama:

Esse menino talvez se torne um metafísico (p. 76).  
[...] todos temos nossa pequena estrela. É um lindo sonho, e tão simples. (p. 26)  
Nosso céu secreto está sempre cheio de estrelas que brilharam sobre nossa infância e é nesse sentido que às vezes repetimos o famoso verso das *Meditações*:  
O homem é um deus caído que se lembra do céu (p. 237).

O Pequeno Príncipe é este deus caído dos céus:



Eu estava orgulhoso de lhe dizer que voava. Então ele exclamou:  
— O quê! Você caiu do céu!  
— Sim — eu disse, modestamente.  
— Ah! Isso é engraçado ... [...] Então você também vem do céu! (p. 15)

*Patachou* acaba onde começa *O Pequeno Príncipe*.

40.

Para encerrar minha demonstração, eu gostaria de apontar outras palavras indutoras. Trata-se de alguns títulos de capítulos de *Patachou*. Sozinhos, eles contam, esquematicamente, a temática de *O Pequeno Príncipe*:

Capítulo 3: A estrela de Patachu

Capítulo 7: Patachu e o Planeta

Capítulo 10: Os olhos fechados de Patachu [“o essencial é invisível aos olhos”]

Capítulo 12: Patachu e os elefantes [a jiboia e o elefante]

Capítulo 40: O poço de Patachu

Capítulo 41: O cabrito de Patachu [o carneiro]

Capítulo 42: Patachu e as estrelas

Capítulo 45: Patachu e a solidão

### III. CONCLUSÃO

Não posso afirmar ter encontrado todas as associações de ideias e todas as metamorfoses que Saint-Exupéry dominou à perfeição. Seguindo seus passos, tentei mostrar equivalências e só pude distorcer sua virtuosidade. Mas tornou-se necessário nos perguntarmos se é razoável pensar que Saint-Exupéry utilizou a obra de outra pessoa.

Um documento, a meu conhecimento não mencionado por nenhum biógrafo, prova isso. Trata-se de um artigo da revista *Icare* (n. 108), publicado em 1984 e assinado por Paul Dony, que conviveu com Saint-Exupéry na época em que ambos trabalhavam na Aeroposta Argentina (de 1929 a 1931):

Quando chegava à nossa casa e via minha mulher e eu sozinhos, Saint-Exupéry raramente deixava de pegar o dicionário analógico de Rouaix, *Dictionnaire des idées suggérées par les mots*, ao alcance da mão em cima de minha mesa. Era ocasião para uma pequena brincadeira que ele adorava. Ele folheava silenciosamente o volume até encontrar uma palavra-chave sob a qual estivessem dois termos sem relação aparente ou de ligação enganosa. Então, ele perguntava: “Qual a relação entre a caixa e o rolamento?”. Se um de nós respondesse “finanças”, ele exultava: “Absolutamente: tambor!”... “Entre duro e cama?”. Era maçonaria. [...] Outras vezes, Saint-Exupéry pegava ao acaso um volume de versos em minha biblioteca e, escolhendo um soneto qualquer, divertia-se retomando o mesmo tema com as mesmas rimas. “Estou refazendo a literatura francesa”<sup>25</sup>, ele dizia.

Paul Dony apresenta dois sonetos de autores menores (Henri Rouger e Edmond Picard), e as adaptações de Saint-Exupéry. Alguns exemplos: além da rima, duas palavras do poema de Rouger, “algas” e “amargo”, aparecem em Saint-Exupéry. Mas “Sentado na praia” se tornou “barco”; “túmulo” se tornou “felicidade”; “barulho sem palavra tão vão quanto a vida” se tornou “amargo sal de uma outra vida”. Algo visto negativamente por Rouger torna-se positivo para Saint-Exupéry. O mesmo ocorre no soneto de Edmond Picard. Nos dois casos, o derrotismo dá lugar ao heroísmo. Esta vontade de reerguer o que pode ser reerguido também se manifestará quando Saint-Exupéry escrever *O Pequeno Príncipe*.

Pode-se objetar que “refazer a literatura” não passava de um jogo intelectual de juventude<sup>26</sup>, que Saint-Exupéry viveu e imaginou o suficiente para não precisar utilizar um livro que já existia. Sem dúvida. No entanto:

a) *O Pequeno Príncipe*, dentre todas as suas obras, é a única que se originou de uma encomenda, no caso o editor norte-americano Curtice Hitchcock. O biógrafo Curtis Cate enfatiza isso duas vezes: “A ideia de escrever uma história para crianças não foi absolutamente de Saint-Exupéry” e, um pouco mais adiante, “A ideia pegou Saint-Exupéry totalmente de surpresa”.<sup>27</sup>

b) Saint-Exupéry está passando por uma crise moral quando começa a escrever *O Pequeno Príncipe*. Marcel Migeo, um de seus biógrafos, escreve: “Durante o triste período que precedeu a guerra, Saint-Exupéry parou de escrever. Sua temporada em Nova York também deve ser incluída entre os anos sombrios de sua vida”<sup>28</sup>. A jornalista Yvonne Michel, que o viu várias vezes em Nova York, confirma: “Apesar das aparências, Saint-Exupéry foi muito infeliz durante seu exílio nos Estados Unidos. Primeiro porque ele não participava da guerra que acontecia. Depois, porque sofria com a hostilidade do clã francês contra sua pessoa”<sup>29</sup>.

Até mesmo em suas conferência nova-iorquinas Saint-Exupéry fala de seus dilemas e de suas dificuldades. Ele é um patriota longe de seu país. Um escritor numa cidade onde o dólar é o rei. Ele que visa as alturas do Espírito chegou ao topo de um edifício na Central Park South, onde morava<sup>30</sup>. Alguns chamam isso de glória. Atrás dessa palavra sonora, Saint-Exupéry busca uma resposta dos céus. Ele sabia que não escreveria mais nenhuma grande obra? Nada permite afirmá-lo. Mas o conto encomendado para o Natal será sua obra mais curta. E também a mais íntima. E, paradoxalmente, essa intimidade que havia algum tempo lhe era difícil seria tomada de algo exterior a ele. Pois a necessidade de escrever um conto de Natal não nasceu de uma inspiração, mas de uma encomenda editorial<sup>31</sup>. Ela foi um *challenge*, como dizem os americanos, um desafio no qual, apesar das condições desfavoráveis, Saint-Exupéry quis, como sempre, colocar o melhor de si mesmo.

c) Saint-Exupéry duvidava de si mesmo ao longo da escrita de *O Pequeno Príncipe*. Seus amigos afirmaram que a elaboração da obra foi lenta, fragmentada, indecisa. Saint-Exupéry nunca solicitou tanto a opinião dos outros quanto para *O Pequeno Príncipe*. Ele consultava os familiares e a secretária, e até mesmo a professora norte-americana que lhe ensinava rudimentos de inglês. André Maurois, que se hospedou com os Saint-Exupéry na grande casa de Long Island, confessou: “[...] ele nos lia o que tinha acabado de escrever e Consuela, que também era poeta, sugeria cenas engenhosas!”<sup>32</sup>. No entanto, não era um costume de Saint-Exupéry apelar aos outros. Uma explicação para este comportamento: ele sabia que a obra não se originava de uma inspiração, mas que ela viera a ele, a exemplo da rosa, sob a forma de uma semente trazida de fora. Saint-Exupéry trabalhava à noite. Marcel Migeo afirma que ele “escrevia num pequeno restaurante onde ele às vezes passava a noite, voltando para casa ao amanhecer”<sup>33</sup>. Ele sem dúvida não queria ser perturbado – mas dessa vez será que ele não queria ser “surpreendido”?

\*\*\*

Durante a primavera de 1942, o editor norte-americano de Saint-Exupéry lhe encomendou um conto de Natal. No ano anterior, em 24 de outubro, morria o poeta Tristan Derème<sup>34</sup>. Sugiro a seguinte hipótese: entre outubro de 1941 e a primavera de 1942, Saint-Exupéry ficou sabendo da morte de Derème, de quem leu uma ou várias obras. O fato de Saint-Exupéry ter descoberto *Patachou* em 1927, em 1942, ou em alguma data entre essas duas, no fundo é pouco importante. Ele no entanto disse a seu amigo Didier Daurat que o

nascimento do Pequeno Príncipe datava de 1927. Ora, Saint-Exupéry ficou em Cap Juby de 1927 a 1929, ou seja, época exatamente entre o nascimento de Patachu nos jornais (na revista *Le Divan*, em 1927, mais tarde em crônicas no *Le Figaro*) e sua publicação em livro (1929). Durante sua estada em Cap Juby, Saint-Exupéry, longe de toda a vida literária, escrevia ao amigo Charles Sallès: “Mande-me livros”. Sallès lhe enviou diversos pacotes.

Em 1942, a necessidade de escrever um conto de Natal o levou naturalmente a retomar *Patachou*, pois ele havia escrito para si mesmo, em 1936: “Reler os livros da infância esquecendo completamente a parte ingênua que não produz efeito, mas observando as orações, os conceitos transportados por suas imagens” (*Carnets I*, 20. Edição Pléiade, t. I, p. 463). A evidência se impõe a Saint-Exupéry: ele que teme não encontrar o tom certo, tem diante dos olhos *Patachou, petit garçon* – o melhor atalho para chegar à obra-prima tão desejada<sup>35</sup>.

Assim avisada, a crítica pode regular seus telescópios. Sabemos agora de que planeta “caiu” o Pequeno Príncipe.

“A única coisa fértil é a grande colaboração  
de um por meio do outro.  
E o gesto falhado serve ao gesto acertado.  
E o gesto acertado mostra àquele que falhou o objetivo que,  
juntos, eles buscavam.”  
Saint-Exupéry, *Cidadela*, capítulo IX.

---

<sup>1</sup> Para definir numa palavra a obra de Derème, Robert Sabatier escolheu o epíteto “encantador” (*Histoire de la poésie française des origines à nos jours*, 1975-1982).

<sup>2</sup> Um editor da região do Béarn, pátria de Derème, reeditou *Patachou, petit garçon* em 1989, com uma tiragem pequena (J.&D. Éditions).

<sup>3</sup> Ao longo deste estudo, utilizo a edição Émile-Paul Frères, 1929 (16ª edição). Para *O Pequeno Príncipe*, à edição N.R.F. Gallimard. Ela apresenta, com algumas palavras de diferença, a mesma paginação da coleção Folio Junior e da Bibliothèque de La Pléiade (edição de 1959).

<sup>4</sup> A ênfase é minha. Estas são as “palavras indutoras” que desencadearam em Saint-Exupéry o mecanismo de adaptação, de que falo com mais detalhe ao fim deste estudo.

<sup>5</sup> Não quero dizer que *Patachou* e *O pequeno príncipe* contam a mesma história, nem que sejam obras similares. *Patachou, petit garçon* é formado por uma série de episódios da vida de uma criança de seis anos, com uma ênfase na relação privilegiada que esta tem com o narrador. Dividido em 49 capítulos, o livro tem 229 páginas. Tendo sido composto ao longo de vários anos, visto que se trata essencialmente de textos publicados na imprensa, o conjunto perde um pouco de unidade. *Patachou* não é um conto, ele não tem a concisão ou a homogeneidade de um. Ele tampouco apresenta o rigor simbólico de *O Pequeno Príncipe*. Sua imagética, sempre encantatória, às vezes piegas, nunca visa ao sublime. Sem dúvida é por este motivo que o livro estimulou Saint-Exupéry, que sistematicamente exaltou o que podia ser exaltado em *Patachou*.

<sup>6</sup> Em *O Pequeno Príncipe* outro personagem usa um cachecol: o acendedor de lampiões. Ele é “o único que pude fazer meu amigo”, conta-nos o Pequeno Príncipe. Com o acendedor, Saint-Exupéry talvez tenha colocado em cena o tio de Patachu (o narrador), que também fala das horas e se preocupa, como o acendedor, com o tempo que passa: “No fundo, Patachu, você é quem tem razão, e os dias não têm todos a mesma duração, nem as horas [...]” (p. 172).

<sup>7</sup> A repetição da expressão “seus quatro espinhos” (p. 32, 36, 56, 91) mostra que Saint-Exupéry de fato buscou um estilo. Não é inútil, portanto, buscar sua origem. Encontramos em *Patachou*, a respeito de um coelho: “[...] os quatro fios de seu bigode espetado” (p. 96). O coelho é inimigo das flores. Portanto, das rosas. Também lemos em *Patachou*, a respeito de um castor: “Quatro dentes, ou melhor, quatro serrotes terríveis” (p. 34).

<sup>8</sup> O Pequeno Príncipe retoma esta ideia à página 72, quando pensa em sua rosa: “[...] foi dela que matei as lagartas (menos duas ou três para as borboletas)”.

<sup>9</sup> Em *Patachou*, o narrador garante sua “sobrevivência” escrevendo artigos para jornais. Em *O pequeno príncipe*, o aviador precisa garantir sua sobrevivência consertando o motor de seu avião. Os dois “sujam” as mãos, um com tinta, outro com óleo.

<sup>10</sup> Derème gosta de começar seus diálogos com um “Bom dia” (p. 14, 33, 95), prática sistematizada por Saint-Exupéry (p. 45, 50, 62, 63, 64, 66, 74, 75).

<sup>11</sup> A palavra “galinha” aparece com frequência em *Patachou* (p. 102, 103, 130, 173 etc.). À página 186: “[...] esta ave está crua. É um festim para as raposas ou para os lobos”. A raposa de *O pequeno príncipe* também fala em galinhas (e em caçadores).

<sup>12</sup> Note-se que as andorinhas “vão para a África”, onde aterrissa o aviador.

<sup>13</sup> À página 96 de *Patachou* fala-se em “pores do sol”.

<sup>14</sup> *Patachou*, p. 38: “[...] contei-lhe, certa noite, que a terra não mergulhava por inteiro na escuridão e que no momento em que Patachu dormia em Passy era a hora, no outro lado do mundo, de outro Patachu acordar”. *O pequeno príncipe*, p. 26: “Quanto é meio-dia nos Estados Unidos, o sol, todo mundo sabe, se põe na França. Bastaria poder chegar à França num minuto para assistir ao pôr do sol”. É a mesma ideia.

<sup>15</sup> *Patachou*, p. 145: “Patachu está sentado na frente dele e boceja” (p. 145); *O pequeno príncipe*, p. 37: “É errado bocejar na presença de um rei”; *Patachou*, p. 145: “[...] ele boceja agora com ostentação”; *O pequeno príncipe*, p. 37: “Não consigo evitar, respondeu o pequeno príncipe todo confuso. Fiz uma longa viagem e não dormi...”.

<sup>16</sup> Apito. O espaço foge; a hora se vai.

[...] Outra estação brilha.

Gare de l’Est, Lancry, République, Oberkampf

Richard Lenoir, Bréguet-Sabin, Bastille.

[...] Uma estação se apaga; uma estação aparece” (p. 88).

Outras palavras ligadas a este tema estão disseminadas em todo *Patachou*: “locomotivas” (p. 38), “estações” (p. 59 etc.), “trens” (p. 85 etc.).

<sup>17</sup> Falta a rosa, alguém poderia dizer. Sim, mas duas linhas acima, a seguinte queixa aparece: “Não arranque meus gerânios!” (p. 37). Gerânios e rosas são flores. E se a rosa está ausente desta página de Derème, na página seguinte encontramos sua principal característica, que em Derème cabe a Patachu: “ele quer ser uma pessoa única no universo” (p. 38).

<sup>18</sup> Afirmar o oposto das opiniões dos outros é um traço característico do autor. Ver, ao fim deste estudo, o método adaptativo de Saint-Exupéry.

<sup>19</sup> Mamífero da subclasse dos marsupiais.

<sup>20</sup> A palavra “leões” pode ter dado a Saint-Exupéry a ideia de tigres rondando em volta da rosa (“Eles podem vir, os tigres, com suas garras”, p. 32). No entanto, encontramos em *Patachou* a palavra “tigre”: “Não ouse falar. Não ouse me mexer. Tenho medo do tigre” (p.



---

31). Este tigre na verdade é um gato, chamado Clodomiro. Mas o tigre com o qual a rosa se preocupa não seria também um simples gato?

<sup>21</sup> Cf. a descoberta, em 1945, de Georges Le Breton, *Nerval, poète alchimique* (reedição 1994, Ed. Quatuor).

<sup>22</sup> Cf. P. Guiral e C. Pichois a respeito do poema “O albatroz”, de Baudelaire, inspirado por “O albatroz”, de Polydore Bounin (*Revue d’Histoire littéraire de la France*, dez. 1957).

<sup>23</sup> Também se falará, à página 224, de um guizo preso a um gato.

<sup>24</sup> A palavra “África” aparece em *Patachou* às páginas 113, 114, 116, 119. A palavra “deserto”, à página 60.

<sup>25</sup> Ênfase minha.

<sup>26</sup> Paul Dony afirma: “Havia nele um lado ‘jogo’ que era adorável e fascinante. Ele era o mágico das palavras e das cartas. Revelando-os com graça e alegria, os divertimentos que ele inventava revelam um aspecto de sua figura que talvez tenha ficado um pouco na sombra” (revista *Icare*, n. 108, p. 103).

<sup>27</sup> *Saint-Exupéry, laboureur du ciel*, 1994, p. 442.

<sup>28</sup> *Saint-Exupéry*, 1958, p. 234.

<sup>29</sup> Revista *Icare*, n. 108.

<sup>30</sup> Marcel Migeo disse que ele morava no 21<sup>o</sup> andar. Curtis Cate, no 23<sup>o</sup>. Paul-Emile Victor, no 27<sup>o</sup>. Para Saint-Exupéry, nenhum seria alto o suficiente.

<sup>31</sup> Seu editor americano encomendou-lhe um “conto de Natal”. A palavra “conto” aparece várias vezes em *Patachou*. Duas frases talvez estejam na origem de tudo. A primeira poderia ser a pergunta do editor: “O senhor escreveu seu conto de Natal?” (p. 31). A segunda seria a resposta do autor: “Não pense que é um conto” (p. 122). *O Pequeno Príncipe* é um conto para crianças, mas não apenas isso.

<sup>32</sup> *De Proust à Camus*, 1965, p. 214. Saint-Exupéry também confiava muito em Annabella Power (esposa do ator hollywoodiano Tyrone Power), com quem conversou sobre *A pequena sereia*, de Andersen.

<sup>33</sup> *Saint-Exupéry*, 1958.

<sup>34</sup> A morte de Derème não passou totalmente despercebida. Vários jornais literários dedicaram-lhe artigos. A revista *Le Divan* publicou um número especial em sua homenagem; os colaboradores desta revista são próximos da N.R.F., que publica Saint-Exupéry.

<sup>35</sup> Saint-Exupéry estava vivendo em Nova York. A França estava longe, o Béarn (terra natal de Derème), mais ainda. Quem conhecia *Patachou* em Nova York? Dizer que Saint-Exupéry plagiou *Patachou* seria um exagero. Afirmar que ele somente se inspirou na obra, seria uma atenuação. No primeiro caso, estaríamos insultado a memória de Saint-Exupéry. No segundo, não faríamos justiça a Tristan Derème.